

# Plantão Psicológico e Acontecência do Cuidado: problematizando um “não- lugar”

*Psychological Care Service and  
Caregiving: problematizing a “non-  
place”*

**Darlindo Ferreira de Lima, Marcelo Silva de Souza  
Ribeiro**

## Resumo

A diversidade da Psicologia enquanto ciência e profissão tem demandado compreensões de novas formas de subjetivação sobretudo as que trazem marcas de expressões do sofrimento humano. O presente artigo tem por objetivo promover uma reflexão sobre o Plantão Psicológico enquanto modalidade de prática clínica, tendo como questão o acontecimento e “lócus” de um fazer não técnico. Inspirado por uma leitura heideggeriana do existir, pode-se supor que o cuidado de alguma forma implica uma resistência a tudo que sucumbe ou dificulta a abertura para o desvelar-próprio do homem. O desafio está no tecer com o outro uma ação de cuidado que potencialize um “não-lugar” de forma que inspire a emergência de modos de ser que se constituam a partir de novos sentidos e significados arraigados na experiência própria do existir.

## Palavras-chave

Cuidado, plantão psicológico, acontecimento, fenomenologia.

## Abstract

*The diversity of psychology as a science and profession has demanded understandings of new forms of subjectification, especially those that bear the marks of expressions of human suffering. The purpose of this article is to promote a reflection on the Psychological duty as a modality of clinical practice, having as a question the event and “locus” of a non - technical doing. Inspired by a Heideggerian reading of existing, one may suppose that care in some way implies a resistance to everything that succumbs or hinders openness to the unveiling of man. The challenge is to weave with the other an action of care that potentiates a “non-place” in a way that inspires the emergence of modes of being that are constituted from new meanings and meanings rooted in the experience of being.*

## Keywords

Care, psychological duty, event, phenomenology.

**Darlindo Ferreira de  
Lima**

**Centro Acadêmico de Vitória  
- CAV-UFPE**

Professor de Saúde Coletiva do  
Centro Acadêmico de Vitória - CAV-  
UFPE. Doutor em Psicologia

[darlindo\\_ferreira@hotmail.com](mailto:darlindo_ferreira@hotmail.com)

**Marcelo Silva de Souza  
Ribeiro**

**Universidade Federal do  
Vale do São Francisco –  
Univasf**

Professor de Psicologia da  
Universidade Federal do Vale do  
São Francisco – Univasf. Doutor em  
Educação - UQAM (Canadá)

[mrribeiro27@gmail.com](mailto:mrribeiro27@gmail.com)

## Introdução

O Plantão Psicológico como modalidade de prática em Psicologia tem sido nos últimos anos realizado em diversas instituições de formação e assistência, sobretudo no âmbito da clínica<sup>1</sup>. Essa inserção se dá como uma crescente participação da Psicologia como ciência e profissão ao se posicionar objetivamente frente às demandas sociais. Tal modalidade foi se constituindo a partir dos diversos contextos nos quais havia necessidade de um profissional psicólogo atuar em situações de crises e urgências, possibilitando, daí toda uma sistematização das experiências, pesquisas e produções teóricas. Esse é o caso de Morato (1999), que publica um livro com um conjunto de experiências sobre o Plantão Psicológico a partir de suas pesquisas no Laboratório de Pesquisa em Psicologia Fenomenológica Existencial (LEFE) da Universidade de São Paulo (USP). Essa publicação se tornou importante na medida em que se configura como os primeiros passos sistemáticos para situar essa modalidade como uma prática originária do Aconselhamento Psicológico.

Importante pontuar que, desde o início, o Plantão Psicológico se mostrou articulado também às demandas institucionais, mais especificamente no ambiente escolar. Sobre essa articulação, Mafhoud (2012) destaca que o Plantão emerge no campo da Psicologia como uma prática inovadora no atendimento aos adolescentes no ambiente escolar, traduzindo-se em um espaço de construção de relações nas quais o acolhimento e a escuta atenciosa se fizeram presentes com os alunos, com os professores e também com as demandas da própria instituição.

O percurso histórico na Psicologia que propiciou a emergência do Plantão Psicológico aponta uma direção em que se inicia com o Aconselhamento Psicológico, atrelado à visão teórica da Abordagem Centrada na Pessoa, mas com o passar do tempo foi migrando para outras perspectivas. De acordo com Schmidt (2015), o Aconselhamento Psicológico passou a ser visto mais recentemente como uma “região de fronteira”, um espaço no qual há o deparar-se com a diferença isto implica pensar sobre os modos de subjetivação e suas repercussões, nos processos de ressignificação e mesmo nos sentidos de acolhimento e escuta. Mas afinal, o que podemos entender por Plantão Psicológico?

A proposta de Plantão Psicológico nas diversas inserções institucionais tende a romper com um modelo de prática psicológica hegemônica, amplamente aceita e entendida como relação dual, controlada, que pode se desenvolver em ambientes confortáveis, tal como a psicoterapia. Aos poucos o Plantão foi sendo visto de um modo particular, se diferenciando do modelo convencional e quase que exclusivo (psicoterapia), como espaço possibilitador de acolhimento, de cuidado e de escuta.

Ainda nos anos 1980 se deram as primeiras pesquisas no Instituto de Psicologia da USP, com o passar do tempo o Plantão Psicológico foi se confirmando enquanto objeto de estudo no âmbito das universidades (MORATO, 1999; 2006; 2011; LIMA, 2012).

A despeito das miríades criadas sobre as produções do Plantão em seu percurso histórico, Scorsolini-Comin (2015) aponta que a visão do humano predominante no estudo do Plantão Psicológico é a fenomenológica existencial, entendendo-a a partir de suas diversas possibilidades no campo de estudo da Psicologia. Outra questão importante é a diversidade de *lócus* de atuação a partir da fenomenologia existencial, pois esta suscita uma pluralidade de compreensões, as quais foram se desenvolvendo conforme essa prática evoluiu.

Portanto, a Psicologia de inspiração fenomenológica existencial abriga, destacadamente, um corpo de autores que fecundam novos campos de

### 1

Entendemos por Clínica, de acordo com Figueiredo (2004), a ação de acolher o sujeito em sofrimento a partir de uma perspectiva na qual se procura co-constituir um outro *ethos*. Este se coloca como central em detrimento aos aspectos disciplinares, técnicos, metodológicos ou mesmo de espaços de atuação do profissional. Dutra (2004, p. 304) nesse mesmo sentido, indica que se faz clínica ao “*acolher o outro no seu sofrimento subjetivo, considerando a dimensão social, significa a des-reificação da natureza universal, ao se considerar o sofrimento um momento dos sujeitos, com sentidos e significados diferentes para cada um, e de acordo com seu modo de ser e de viver, não conduzindo necessariamente a uma patologia*”.

### 2

Um dos primeiros profissionais a articular a psicoterapia com a filosofia existencialista.

atuação e de sentidos para uma prática psicológica sensível ao sofrimento eminente de sujeitos em situações cotidianas, depreendendo ações concretas do psicólogo, mais do que elucubrações teóricas ou intervenções meramente técnicas.

Contudo, faz-se importante uma ressalva em relação a aproximação de uma proposta de Psicologia (ciência) inspirada na fenomenologia com as construções próprias da Filosofia, o que tem gerado, em muitos casos, certas confusões entre alguns autores.

Mesmo que essas confusões, sobretudo as advindas de transposição simplista de conceitos teóricos de diferentes áreas da Ciência e Filosofia, há que se admitir a relevante discussão propiciada desses embates. Vários autores se inspiraram na contribuição heideggeriana, por exemplo, para construir suas próprias teorias tais como: Karl Jaspers (1883-1969), Ludwig Binswanger (1881-1966), Medard Boss (1903-1990), dentre outros.

Sobre a aproximação da Psicologia com a Filosofia, em particular a perspectiva fenomenológica heideggeriana, houve um claro cuidado em se ater a dimensão ontológica, que é entendida como a dimensão própria do Ser das coisas e não das coisas em si (entes). Pode-se dizer, então, que Heidegger sempre esteve focado sobre o sentido do Ser e não sobre os entes do mundo, o que vai, portanto, balizar a Psicologia fenomenológica heideggeriana. É nesse sentido que o próprio Heidegger vai criticar “uma certa confusão” de Binswanger<sup>2</sup>:

Este algo que se mostra de um modo ou de outro não é um projeto de mundo diferente. Binswanger confunde o ontológico do projeto de mundo com o ente desvelado, possível e que se mostra de algum modo no projeto de mundo, isto é, com o ôntico. Projeto de mundo é ambíguo: projetar o mundo e o que aparece baseado neste projetar. Pode-se definir isto como o projetado. Binswanger chama erroneamente este projetado de projeto de mundo (HEIDEGGER, 2001, p.218).

Heidegger (2001, p. 229) ainda vai mais além quando se referiu especificamente à Psicologia:

As teorias psicológicas surgem sob pressão da tradição, porque a tradição nada conhece além do caráter do ser da substancialidade e da objetivação e da coisificação, o que nem sempre precisa ser tão grosseiro como na escolástica, com sua colocação de uma eterna substância da alma... A justificativa da psicologia é que ela queira determinar isto pelo método da pesquisa material das ciências naturais.

Buscando não cair nas aproximações simplistas entre a Psicologia e Filosofia e guardando a coerência epistemológica dessas grandes áreas, principalmente aquilo que diz respeito ao âmbito do ôntico ou ontológico, Barreto (2016) indica a possibilidade de se pensar uma Psicologia, sobretudo a clínica, na forma de diálogo com os pressupostos fenomenológicos existenciais. Esta maneira de compreender o fazer psicológico não mais se orienta pela tradição, fundamentada a partir da existência de uma subjetividade moderna, mas sim “[...] compreendida como abertura originária ao ser dos entes enquanto pré-compreensão e à condição de estar lançado ao mundo em uma facticidade temporal” (BARRETO, 2016, p.39).

O objetivo deste artigo, portanto, é promover uma reflexão sobre o Plantão Psicológico sendo uma modalidade de prática e tendo como pano de fundo a questão do Plantão como acontecimento e “*lócus*” de um fazer não técnico nos moldes de uma ciência moderna.

### 3

O segundo Heidegger corresponde a produção heideggeriana a partir da década de 1930. Nesta há um aprofundamento em questões como: a técnica, história e verdade, serenidade, etc.

### 4

Diz respeito a maneira reflexiva de como interpretamos tudo aquilo com o qual lidamos no mundo a partir de um horizonte de compreensão. Para Gadamer (1998, p. 566-567) “Todo compreender é interpretar, e todo interpretar se desenvolve no médium de uma linguagem que pretende deixar falar o objeto e é, ao mesmo tempo, a linguagem própria de seu intérprete”.

Para que se viabilize a compreensão da articulação da fenomenologia, enquanto saber filosófico, e seu engendrar possibilidades de saber-fazer da Psicologia, faz-se necessário um breve passeio sobre o que parece ser central nessa articulação: o diálogo a partir do segundo Heidegger<sup>3</sup> com a prática do Plantão como acontecência do cuidado.

## Heidegger tardio e o cuidado: acontecimento da verdade do ser

A construção filosófica de Heidegger de acordo com alguns estudiosos pode ser compreendida a partir de dois momentos principais: o primeiro, corresponde seus escritos que culminaram com a publicação do livro *Ser e Tempo* (HEIDEGGER, 1999), também conhecido como projeto da analítica existencial; e um segundo momento que é conhecido também como o Heidegger tardio.

O projeto da analítica existencial vai se caracterizar fundamentalmente pela crítica heideggeriana à tradição metafísica do conhecimento filosófico. Em linhas gerais essa tradição remonta desde Sócrates e Platão, que se encontra ainda em vigor os seus desdobramentos. A característica principal do pensamento socrático diz respeito à separação entre mundo das essências e mundo das aparências, instaura a partir daí a busca do humano pela transcendência e do imanente. Dito de outra forma, funda-se a partir de uma perspectiva de humano racional a possibilidade da busca pelo mundo das essências (verdade) por meio da razão como fonte e fundamento do humano.

Ao propor a destruição da metafísica como tarefa do pensamento, sobretudo o jovem Heidegger, depara-se com a necessidade de construção do conceito de diferença ontológica. Esta é compreendida como aquilo que funda a significância do mundo por meio das estruturas da reunião antecipadora e do caráter de circularidade ontológica (2013). Há uma superação do esquecimento do ser e de sua substituição pelo ente, pois em vários momentos em seus escritos indica que a história da metafísica se confunde com a objetificação do Ser por meio de alguns conceitos tais como: substância, estrutura, cogito, alma, indivíduo racional, etc.

De uma forma *suigeres* a produção heideggerinana indicava que:

Se em *Ser e Tempo* Heidegger buscava pensar por um lado o ser-aí humano como um ente central no projeto de uma ontologia fundamental, em virtude de seu caráter privilegiado em termos ônticos e ontológicos, isto é, em virtude de fato de os seus modos de ser sempre implicarem uma relação com o ser e envolverem da mesma forma originalmente uma compreensão do ser do ente e do sentido de ser que sustenta os campos ônticos (CASANOVA, 2013, p.272).

Podemos compreender que Heidegger (1999) em *Ser e Tempo* inaugura um projeto engajado com a tarefa de propor uma analítica existencial que visa aprofundar a reflexão nas condições ontológicas da emergência do Dasein como ente especial que é também abertura para o desvelamento do sentido do Ser. Nessa proposta, o humano se situa indefinidamente em uma temporalidade. Existir a partir da analítica é habitar em uma circularidade na qual o humano se acha inexoravelmente preso em um mundo previamente dado, no qual homem-mundo se faz de formaco-originária e sua duração se torna em um círculo hermenêutico<sup>4</sup> de alguma forma pré-estabelecido por sua própria condição existencial.

No segundo momento de sua obra, a partir de 1930, Heidegger não opera uma mudança radical em suas bases filosóficas fundamentais, mas procura realizar um reordenamento das próprias condições de pensar os

conceitos que se fizeram essenciais até então. Essa mudança, o próprio autor chamou de viragem (Kahre), o qual fica claro nas palavras de Casanova (2014, p.149) quando afirma que nesse período “[Heidegger] não toma mais por base a dinâmica *ek-stática* do ser-aí humano para pensar o acontecimento do mundo, mas insere diretamente o olhar no acontecimento do mundo”.

De acordo com Casanova (2014), a viravolta do pensamento heideggeriano contempla a necessidade de incluir a abertura da historicidade do ser enquanto acontecimento e do Dasein como abertura da totalidade mundo, dito de outro modo, serão pelas próprias condições do desvelamento do mundo enquanto história do ser que se darão as possibilidades de apropriação ou não do estar no mundo em sua temporalidade.

Essa mudança parece muito importante, pois há um reordenamento de direção, que focava inicialmente nas condições existenciais do Dasein para a emergência do próprio Ser em seu acontecimento. Isso faz voltar para o foco do humano em sua relação com o mundo, o qual não se fecha mais em uma temporalidade *ek-stática*, mas sim na possibilidade da emergência de uma ruptura e na totalidade que pode levar a outra forma de estar-no-mundo.

Nessa outra perspectiva, de alguma forma o mundo vem ao encontro, já delimitado por um horizonte de possibilidades conectadas com o contexto fático no qual o ente humano se encontra, mas que sem qualquer controle se desvela como uma verdade própria, perfazendo assim um outro rumo ao destinar do ente humano frente aquilo que se tinha por realidade.

Essa forma de pensar a condição do humano inspira a olhar para a Psicologia em sua dimensão científica e prática como um “lugar” não físico, mas um lugar ético e político constituído por um conjunto de atitudes e práticas que se expressam por uma ação clínica (BARRETO, 2006; 2016), que se reserva ao acompanhamento do desvelar dos sentidos daqueles que se colocam em andamento frente à responsabilidade do seu modo próprio de estar-no-mundo.

Nesse contexto, a modalidade do Plantão Psicológico pode se apresentar como um saber-fazer que dialoga com o inesperado do encontro, ao mesmo passo que contribui no colocar em andamento as possibilidades de produção de sentido e significado da experiência do humano justamente por ser um “não-lugar”. Por isso, enquanto um “não-lugar”, o Plantão pode também se caracterizar, paradoxalmente, em um concomitante “lugar” de encontro com a alteridade transitória própria da condição de estar-no-mundo-com-outros, ou seja, um outro modo de responder a si mesmo com o outro em seu estar no mundo.

### Plantão Psicológico: modalidade da prática de inspiração fenomenológica existencial enquanto um “não-lugar”

Evangelista (2016), a partir de Figueiredo (1993), reafirma o psicólogo como o profissional do encontro, porém ressalta a dimensão fenomênica do que encontro pode aqui representar: “a proposta de Figueiredo de que o psicólogo é profissional do encontro indica, a meu ver, o âmbito fenomênico da psicologia, ou, ao menos, aquele que deveria ser: a existência” (EVANGELISTA, 2016, p.204).

Dentre as formas concretas de lidar com o sofrimento do humano na contemporaneidade, a Psicologia dispõe do Plantão Psicológico como modalidade da prática clínica. Morato (2017, p. 19) define essa modalidade da seguinte forma:

O Plantão Psicológico é uma ação que, originalmente, é clínico-investigativa, pois busca esclarecer, junto àquele que sofre, uma demanda a partir dele mesma, na tentativa de abrir possibilidades para que ele se responsabilize pelo seu próprio cuidado... é trabalho do plantonista relançar no próprio discurso do cliente àquilo que se apresentou a ele como urgência.

A primeira frase utilizada por esta autora indica que o Platão Psicológico é uma ação, diferente de tantas outras compreensões teóricas moderna nas quais ajudam a formatar o arsenal de técnicas a serem utilizadas na prática. Será neste contexto que surgem as primeiras construções sobre o conceito de ação clínica tecido por Barreto (2006, p. 59) ao afirmá-lo como:

[...] ação clínica voltada à atenção e ao cuidado com o sofrimento, condição originalmente humana. Refiro-me como se manifesta a articulação entre conhecimento como saber e como fazer na ação do psicólogo enquanto estudioso e profissional do acontecer humano.

Esse conceito de ação clínica faz, dentre outras coisas, provocara seguinte reflexão: se faz sentido pensar o fazer do psicólogo como uma ação e modo de estar-no-mundo-com-o-outro em uma relação de afirmação da alteridade intrínseca ao encontro, pode-se pensar também que será, no âmbito da clínica, um fazer-ação que se dá como agir no qual a história do modo de ser se resume e se dispersa ao mesmo tempo, ou seja, pensar a ação clínica como um espaço inaugural, cuja criação implica na emergência do novo.

Lima (2012, p. 183) sinaliza a dimensão desse fazer-ação fundamental à clínica a partir da sua inserção do Plantão Psicológico:

O Plantão Psicológico em nossa experiência compreende uma forma de relação que se dá como acontecência, como um abrigo, um ethos do cuidar que não se propõe a nada mais do que uma experiência de apropriação de nossa condição existencial de constituir sentido e significado às nossas vivências... A acontecência do plantão implica a ênfase na dimensão de experiência, de um saber que nos atravessa tacitamente e não como acontecimento acabado... nos colocamos em uma atitude ética de abertura para que POSSA SE DAR UMA EXPERIÊNCIA ou não.

O dar-se da experiência não coaduna com a perspectiva de “fazer experiência” enquanto um produzir a partir do controle, pelo contrário, o Plantão requer constante movimento por parte do plantonista no sentido de pensar, sentir e agir sobre seu lugar próprio na relação como um estar no mundo. Designa-se aqui por “lócus” uma forma de ser enquanto dimensão tempo-espacial que não se pode confundir com o território, local físico ou mesmo espaço intersubjetivo das relações.

A proposta da ação clínica (BARRETO, 2006) diz respeito a um importante conceito que auxilia a compreensão do processo de desvelamento do se vivenciar a experiência, pois indica a co-existência permanente de um certo modo de ser no estranhamento. Este modo de estranhamento pode, na incerteza do acontecimento, dar-se como espaço libertador de uma cotidianidade impessoal. Se por um lado essa cotidianidade auxilia o humano por dar uma sensação de segurança, por outro lado aprisiona-o em sentidos e significados prontos e distantes de sua própria condição de abertura e vir-a-ser.

Assim, a ação clínica do plantonista é compreendida como um “não-lugar” que pode oferecer a experiência da esperança no e do devir, ao mesmo tempo que pode ser também um modo de resistência àquilo (mundo) que lhe chega como pronto e acabado, ou seja, como modalidade da prática na qual pode vir a ser possibilitador da emergência de sentidos e significados.

Por outro lado, implica também em ter o Plantão como aquilo que é co-existente à temporalidade do existir enquanto cuidado. Cuidar aqui se dá como entrega por parte do cuidador do seu modo de ser sem possibilidade do querer controlar o encontro com o outro, um dar-se, de certa forma, como mistério próprio da condição humana de ser abertura originária para emergência do Ser como vir-a-ser.

Faz-se necessário reforçar a ideia de que a atitude do plantonista não indica a existência de uma dimensão volitiva no ato de cuidar, mas simplesmente dá-se como acontecimento, dá-se pelo estar atento e disponível para o acompanhamento da totalidade do encontro. Evangelista (2017, p. 234) indica essa dimensão ao assinalar que, enquanto psicólogo clínico e a partir da ação clínica, há um “não-produzir” produtivo:

A ação clínica não produz nada. Pelo contrário, ela retira. A ação desalojadora dá margem para o inesperado, deixa que a angústia afine a abertura do mundo que é compartilhada. Quando assim encontro alguém, as técnicas de atendimento psicológico e a familiaridade em ser-psicólogo ruem para um não-saber no qual eu e o outro perdemos o chão.

Mas como essa “abertura do mundo” chega? O plantão se faz fundamentalmente pela escuta e pela visão do que ali se passa como doação e recolhimento, uma caminhada de acompanhar o aparecer/desaparecer do próprio movimento do Ser, naquilo que de alguma forma já é próprio ao humano em suas situações de estar-no-mundo.

Parece pertinente pensar que o Plantão se constitui na medida em que o clínico consegue sempre que possível se colocar como um estar/ser estranho na relação do acontecimento. Esse modo de ser estranhamento parece, então, se delinear de certa forma como resistência ao horizonte histórico no qual, desde sempre, se encontra absorvido tanto pelo plantonista quanto por aquele que procura o Plantão. O estranhamento do fazer clínico parece que vai se desvelando como espaço frágil, e ao mesmo tempo rico, de transição no campo entre o ôntico e ontológico. Posto dessa forma, o fazer Plantão como estar e permanecer em transição é habitar um “não-lugar” privilegiado para pensar a condição de estar no mundo para aqueles que nele estiverem envolvidos.

Há importância em afirmar que será também na diferença e estranheza que nos modos-de-saber-fazer-ser do plantonista, a partir da ação clínica, institui as possibilidades de novos sentidos e significados frente à intensidade do sofrimento daquele que procura o Plantão. Estar em Plantão parece que poderá se constituir em habitar no espaço abissal do encontro. Aqui pode se pensar nesse encontro como uma espécie demetáfora: um buraco negro, o qual suga tudo o que dele se aproxima, tornando-se o todo parte do próprio movimento. Assim, acontecer nesse encontro implicaria em ser e se dá como verdade historial do acontecimento. A fenomenologia heideggeriana inspira a pensar que a constituição do sentido próprio de ser do humano se dá na emergência de modo de ser enquanto movimento de doação e recusa constante de sentidos de seu próprio estar sendo no mundo.

O estar Plantão implica também em um modo de habitar no mundo a partir da ação clínica sempre na condição móvel, de um estar em prontidão, de se abrir atentamente para o acolhimento daquilo que se recusa adar-se

## 5

Mostração aqui corresponde ao modo próprio de desvelar-se, uma mostrar-ação daquilo que nos vem ao encontro em sua forma própria de ser-no-mundo-com-os-outros.

como sentido, acolhendo assim o próprio movimento de recusa. A escuta, nesse contexto, torna-se como um modo de ser fundamental do plantonista, pois se coloca como um guarda-postos, uma espécie de pescador que a qualquer instante, ao sentir a menor das vibrações em sua linha, prontamente a puxará, mesmo certo que jamais se dará a ver o que recolhe.

Lima (2002) sinaliza que a escuta é como um fazer que põe em andamento algo, uma apreensão do grito silencioso da angústia existencial na qual todos se encontram imersos e fadados a lidar como condição do humano. Desta forma, a escuta não é técnica ou algo similar que deve ou pode ser empregada para ter acesso a esse ou aquele aspecto dos sujeitos em situação de sofrimento. A escuta remete necessariamente ao modo de estar em aberto para afetações da fala própria que emerge da angústia do existir. Ao passo que a escuta cumpre uma de suas dimensões, que é o acolhimento, também é como o próprio encontro. Acompanhar o não-dito, viver o “não-lugar”, habitar as entrelinhas, é possibilitar a “mostração<sup>5</sup>”, que requer sempre a sensibilidade de suportar o que aparece, o que vem ao encontro em suas diversas formas de se mostrar.

No âmbito da prática, o Plantão mostra a necessidade de se colocar em um movimento transitando nas dimensões ôntico-ontológico. Configura-se em um movimento pendular na e a partir da escuta, posto que nesse movimento se estar tão perto do outro, no encontro mesmo, ao ponto de não se misturar, mas ao mesmo tempo de poder se distanciar para poder visualizar suas delimitações e contornos enquanto diferenças. Possivelmente esse movimento da escuta sensível seja seu maior segredo: não se apegar ao que lhe é trazido como mera queixa, mas pôr-se no e a partir do movimento de ser-com-o-outro desvelando sentidos.

Toma-se aqui emprestado a reflexão de Figueiredo (2009) sobre o cuidado quando lembra que há sim um movimento tênue entre as dimensões da implicação e reserva no fazer clínico. Essa é uma condição do fazer ético: “É preciso saber cuidar do outro, mas também cuidar de si e ... deixar-cuidar pelos outros, pois a mutualidade no cuidado é um dos mais fundamentais princípios éticos a ser exercitado e transmitido” (p.141).

Assim, o movimento pendular da escuta responde ao pôr em trânsito na presença da emergência do sentido, o que talvez abra condições de possibilidades e outros sentidos ao campo do vivido.

Ainda de acordo com Barreto (2017, p. 47), “a ação clínica remete a um aguardar paciente e solícito, acompanhando o cliente na tarefa de apropriar-se e cuidar das experiências que vão se desvelando em seu próprio existir”, ou ainda:

Podemos pensar a ação clínica como uma possibilidade de intervenção o do psicólogo implicado no movimento de experientiação do cliente, acompanhando-o na tarefa daquilo que já sabe pré-reflexivamente, possibilitando que, na sua situação concreta e totalmente singular, se compreenda e assuma como ele está sendo e no que pode ser (BARRETO, 2017, p.48).

## À guisa de uma conclusão: Plantear/habitar no Plantão a partir da acontecência do cuidado

A partir do propósito inicial, que foi promover a reflexão sobre o Plantão Psicológico articulando a experiência dessa prática e tendo como pano de fundo a questão do acontecimento como um “lócus”, é possível finalizar como quem se aproxima de um platô, visualizando o quão distante a concepção fenomenológica heideggeriana do Plantão estar de um fazer

técnico nos moldes de uma ciência moderna. Assumir o que pode vir a ser para aquele que se encontra no Plantão parece que pode se constituir na medida em que o acompanhar do plantonista se mostra como um plantear. Esse termo aqui implica em uma forma de se projetar, de abertura frente ao encontro com o outro em situação de sofrimento intenso.

O plantear como delineamento de um projetar, dito de outro modo, um encontrar rumos ao que pede passagem sob a égide da angústia, parece implicar a necessidade de um confiar. Este diz respeito a possibilidade de se “abrir-para” a experiência do que está afetando, ou seja, por outro lado também na relação de acolhimento e escuta que lhe foi ofertada como uma atitude de atenção, de disponibilidade a estar-junto. O confiar, ou fiar-com, alcança guarida na própria condição ontológica do Dasein, na dimensão em ser-com-os-outros em um mundo compartilhado a todo instante.

Faz sentido, então, a afirmação de Santos e Sá (2013, p. 58) ao assinalar

Quando nos damos conta da presença de outro que diante de nós demanda ajuda, nosso “olhar” já posicionou previamente esse outro em seu ser-outro, atribuindo-lhe e subtraindo-lhe possibilidades de ser. O cuidado ôntico que lhe podemos fornecer já está previamente limitado por esse cuidado ontológico mais originário.

O cuidado dar-se-á na confiança de uma relação que resguarda em si dimensões do ôntico-ontológico em que se pode conseguir fiar novas tranças de sentido para uma experiência intensa (sofrimento) com pouco ou mesmo sem sentido. O acompanhar fiando a presença do vivido de alguma forma remete à responsabilidade de escolha de caminhos a ser trilhados.

O cuidado como um plantear, ou seja, como uma atitude de plantar, projetar como modo de ser, realiza-se na medida em que se cuida de ser com o outro. Este por sua vez pode passar a se cuidar ser existindo no encontro com o plantonista. Modos implicados de existir e afirmar singularidades ao mesmo passo que agrega dimensão de compartilhamento do existir em meios às diferenças desse próprio existir, ou seja, com-fiar, com-partilhar, ser sem se perder na dimensão ser-com da existência.

Portanto, podemos pensar a partir do exposto o plantão como o acontecimento de modos do cuidar que não se traduz em lugar algum, meramente como lugar ôntico (DAL GALLO;MANOLA JUNIOR, 2015), mas que encontra espaço nas possibilidades de encontro de cada um consigo na relação ôntico-ontológica com o outro, um “não-lugar” próprio. Acolher o estranhamento sem se sucumbir a este encontro, transitar entre o conhecido e o desconhecido parece suscitar a possibilidade de instauração de modos de ser nos quais impliquem a serenidade ativa da e na condição existencial, talvez seja esta uma das contribuições do Plantão Psicológico... um acompanhar do ser nos modos de cada humano em seu modo próprio de vir a ser.

Então, porque não se abrir para o acontecimento do Plantão como encontros/espacos de cuidado com o nosso cuidar de ser a partir de um “não-lugar” de possibilidade?

## Sobre o artigo

Recebido: 10/02/2018

Aceito: 11/03/2018

## Referências bibliográficas

BARRETO, C. L. B. T.; MORATO, H. T. P. **Ação clínica e os pressupostos fenomenológicos existenciais**. 2006, 218f. Tese (Doutor em Psicologia Escolar e Desenvolvimento) Programa de Pós-graduação em Psicologia Escolar e desenvolvimento, Instituto de psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, 2006.

BARRETO, C. L.B.T. (Coord.); FRANCISCO, A.L.; WALCKOFF, S.D.B. (Org.). **Práticas psicológicas em instituições: diversas perspectivas**. Curitiba: CRV, 2016.

BARRETO, C. L.B.T. A ontologia heideggeriana do cuidado e suas ressonâncias na ação clínica. In: CABRAL, B. E. CABRAL; BARRETO, C. L.B.T.; KOVÁCS, M. J.; SCHMIDT, M. L. S. (Orgs.) **Prática psicológica em instituições**. Clínica, saúde e educação. Curitiba: CRV, 2017, p. 71-89.

BRAGA, T.B.M.; MOSQUEIRA, S.M.; MORATO, H.T.P. Cartografia clínica em plantão psicológico: investigação interventiva em um projeto de atenção psicológica em distrito policial. **Temas em psicologia**, v. 20, nº 2, p. 555-569, 2012.

CABRAL, B.E.B.; BARRETO, C.A.L.B.T.; KOVÁCS, M. J.; SCHMIDT, M. L. S. (Orgs.). **Prática psicológica em instituições. Clínica, saúde e Educação**. Curitiba: CRV, 2017.

CASANOVA, M.A.; FURTADO, R. (Org.). **Fenomenologia hoje IV. Fenomenologia, ciência e técnica**. Rio de Janeiro: Via verita, 2014.

DAL GALLO, P. M.; MANOLA JUNIOR, E. O conceito fundamental de mundo na construção de ontologia da geografia. **GEOUSP. Espaço e tempo** (online), V. 19, n.3, p. 551-563, 2016.

DUTRA, E. Considerações sobre as significações de psicologia clínica na contemporaneidade. **Estudos de Psicologia**, 9(2), p. 381-387, 2004.

EVANGELISTA, P. E. R. A. (Org.). **Psicologia fenomenológico-existencial. Possibilidades da atitude clínica fenomenológica**. Rio de Janeiro: Via verita, 2016.

EVANGELISTA, P. E. R. A. **Psicologia fenomenológica existencial**. A prática psicológica à luz de Heidegger. Curitiba: Juruá, 2017.

FIGUEIREDO, L. C. M. Sob o signo da multiplicidade. **Cadernos de Subjetividade**, v.1, p. 89-95, 1993.

FIGUEIREDO, L. C. M. **Revisitando as Psicologias. Da Epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos**. 3ª. Edição. Petrópolis: Vozes, 2004.

FIGUEIREDO, L. C. M. **As diversas faces do cuidar**. Novos ensaios da psicanálise contemporânea. São Paulo: Escuta, 2009.

FERREIRA, A.M.C. Mundaneidade e diferença ontológica, in **Revista Síntese**, 2013, v. 40, n.126, 85-108.

GADAMER, H.G. **Verdade e Método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. V.I. Petrópolis: Vozes, 1999.

HEIDEGGER, M. **Serenidade**. Lisboa: Instituto Piaget. 2001.

LIMA, D. F. **A prática do plantão psicológico na delegacia especializada de atendimento à mulher (DEAM):** uma experiência a partir da acontecência do cuidado. 2012, 205f. Tese (Doutor em Psicologia) Programa de Psicologia da Universidade federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

LIMA, D. F. **Compreendendo os sentidos da escuta.** Livro Rápido: Olinda, 2002.

MORATO, H.T.P. (Org.) **Aconselhamento psicológico centrado na pessoa:** Novos desafios. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

MORATO, H.T.P. Pedido, Queixa e demanda no Plantão Psicológico: querer, poder ou precisar. In: VI Simpósio Nacional de Práticas Psicológicas em Instituição - Psicologia e Políticas Públicas. **ANAIS VI Simpósio Nacional de Práticas Psicológicas em Instituição - Psicologia e Políticas Públicas.** Vitória - Espírito Santo: UFES, v. 1, 38-43, 2006;

MORATO, H.T.P. Algumas considerações da Fenomenologia existencial para ação psicológica na prática e na pesquisa em instituições. In: X Simpósio Nacional de Práticas Psicológicas em Instituição – Perspectivas e rumos da Psicologia na atualidade. **ANAIS X Simpósio Nacional de Práticas Psicológicas em Instituição - Perspectivas e rumos da Psicologia na atualidade,** Niterói – Rio de Janeiro: UFF, v. 1, 24-50, 2011.

OLIVEIRA, R.G. **Uma experiência do Plantão Psicológico à Polícia Militar do Estado de São Paulo:** reflexões sobre sofrimento e demanda. 2005. 141f. Dissertação de (Mestre em Psicologia Escolar e Desenvolvimento), Programa de Pós-graduação em psicologia Escolar e Desenvolvimento, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

MOZENA, H. **Plantão Psicológico:** um estudo fenomenológico em um serviço de assistência judiciária. 2009, 169f. Dissertação (Mestre em Psicologia), Programa de Pós-graduação em Psicologia, Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2009.

SANTOS, D.G.; SÁ, R. N. A existência como cuidado: elaborações sobre a psicoterapia na contemporaneidade. **Revista da Abordagem Gestáltica – Phenomenological Studies – XIX(1):** 53-59, jan-jul, 2013.

SCHMIDT, M.S. Plantão Psicológico, Universidade Pública e Política de Saúde Mental. **Estudos de Psicologia.** V. 21, n. 3, 173-192, set/dez, 2004.

SCHMIDT, M. S. Aconselhamento psicológico como área de fronteira. **Psicologia USP,** v. 26, N. 3, P. 407-413, 2015.

SCORSOLINI-COMIN, F. Plantão psicológico e o cuidado na urgência: panoramas de pesquisas e intervenções. **Psi-UFS,** Bragança Paulista, v. 20, nº 1, p. 163-173, 2015.